

ESTUDO SOBRE O AUTO-CONCEITO DE UM GRUPO DE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO PAULO

YARA LÚCIA ESPOSITO
LÉA MARIA CHAGAS CRUZ

O auto-conceito é um tema que aparece com destaque em teorias de importantes estudos do comportamento, no entanto, uma revisão da literatura indica apenas um modesto crescimento da evidência experimental para a verificação dessas teorias.

Tem sido assinalado que a maior dificuldade com relação a esta área de estudo surge da falta de definições precisas desse conceito e da pluralidade de técnicas propostas para sua medida.

O considerável debate existente entre os pesquisadores no tocante às técnicas de avaliação do auto-conceito tem, de certa forma, orientado as pesquisas quer para o desenvolvimento de novos procedimentos de avaliação, quer para o estabelecimento dos níveis de precisão dessas medidas.

No estágio atual de desenvolvimento, pesquisas sobre a precisão da auto-avaliação parecem sugerir, sinteticamente, as seguintes generalizações:

1.º) Parece existir uma variação na capacidade que as pessoas possuem para se ver realisticamente. Desse modo, não devem ser aceitas as afirmações que visam a desacreditar qualquer processo de auto-avaliação. Estas afirmações consideram as pessoas tão altamente enganadoras ou defensivas a ponto de não poderem admitir muitas das verdades que sabem sobre si mesmas.

Assinala Holt (1951), que há uma grande amplitude de variações desde a completa distorção até as raras avaliações altamente precisas.

2.º) A segunda generalização sugere haver uma tendência à super-estimação nas auto-avaliações, o que, segundo Ellis (1953), é uma das razões por quê a maioria dos testes de auto-avaliação não apresenta grande validade em termos de correlação com critérios externos. Brandt (1958), em seu estudo sobre precisão, aborda este aspecto e faz as seguintes considerações ao analisar seus resultados: a despeito da tendência geral de super-estimativa (o que confirma resultados de estudos anteriores), diferenças individuais foram encontradas nas tendências de super ou sub-estimar, o que o leva a concluir que as diferenças individuais, numa ou noutra tendência, são, sem dúvida, reflexos de diferenças básicas de personalidade.

3.º) Uma terceira generalização estabelece que a precisão parece ser função não apenas da variável a ser estimada mas, também, do grau de ameaça psicológica que existe quando se submete indivíduos a procedimentos de auto-avaliação. Holt (1951) assinala que precisões aparentemente diferentes podem surgir por variações na situação na qual os auto-julgamentos são solicitados — a natureza do experimento, o relacionamento do experimentador com o sujeito, o conhecimento deste sobre o uso que será dado aos resultados, a natureza pública ou privada da situação, são variáveis que parecem influir nos resultados. Brandt chega a colocar como uma das pressuposições inerentes ao seu plano de pesquisa a seguinte colocação: “na ausência de ameaça psicológica, os indivíduos revelam auto-julgamentos e julgamentos

'reais' sobre outras pessoas, quando sentem que essas expressões contribuem para uma causa justa”.

4.º) Uma quarta generalização a partir das pesquisas foi apresentada por Wylie (1958): há alguma evidência da consistência individual na auto-avaliação, mas faltam informações detalhadas.

Apesar de a pesquisa, no estágio atual, apresentar resultados complexos, pouco conclusivos, por vezes mesmo contraditórios, tem havido, na prática, um considerável aumento na ênfase dada aos processos de auto-avaliação, particularmente dentro da situação escolar.

Este estudo foi planejado levando em consideração os aspectos relacionados com as dificuldades de estudo nessa área, as diferenças básicas entre as oportunidades de estudo acessíveis ao pesquisador e as acessíveis ao professor e, ainda, a necessidade de exame e conhecimento dos usos da auto-avaliação na situação escolar.

São objetivos do trabalho:

1. determinar (utilizando para tanto elementos comumente empregados na situação escolar) o nível de realismo dos julgamentos que um grupo de adolescentes faz em duas áreas específicas: adequação acadêmica e aceitação social;
2. verificar se na área de adequação acadêmica o julgamento é mais real — porque envolve, por parte do adolescente, um critério de percepção mais claro — do que na área de ajustamento social onde a percepção é mais indireta;
3. estabelecer se há diferenças entre as auto-avaliações e os julgamentos efetuados por um observador;
4. verificar se há diferenças significativas entre meninos e meninas quanto ao realismo dos julgamentos nas duas áreas específicas.

Sujeitos

O estudo foi realizado com os alunos da quarta série ginásial de uma escola pública da cidade de São Paulo. O grupo era composto de 105 alunos, sendo 60 do sexo masculino e 45 do sexo feminino, com amplitude de idade variando de 14 a 17 anos e com idade média de 14 anos e 11 meses no início do ano letivo.

Todo o material de auto-avaliação, bem como os testes sociométricos foram aplicados pela orientadora da escola. Esta mesma pessoa preencheu uma escala de avaliação de comportamentos sobre os alunos.

Instrumentos

Medida da Auto-imagem

Foi utilizada a escala “How I see myself”, desenvolvida por Ira J. Gordon em 1968, a partir das categorias de respostas propostas por Jersild (1952). Compõe-se de 40 itens, na forma de pares de afirmações opostas, relativas à escola, colegas, professores, pais, próprio corpo e controle emocional. O aluno deve se situar num continuum de 1 a 5 pontos em relação a cada item. A concepção básica que norteou a construção do instrumento foi a de que o auto-conceito não é um traço unitário, mas uma organização de fatores suficientemente discretos para poderem ser medidos separadamente e que se modificam de acordo com a idade e o sexo.

Na forma original da escala, os itens foram agrupados em função de sua participação nos fatores detectados pela análise fatorial. No presente estudo, porém, foi feita uma seleção e reagrupamento das afirmações, afim de possibilitar a avaliação da auto-imagem em relação a duas áreas específicas: adequação acadêmica e ajustamento social.

Critérios Externos

Para o estabelecimento do nível de realismo, as auto-avaliações foram comparadas com

critérios externos de julgamento, utilizando-se, para tanto, os seguintes indicadores:

1) **Notas de aproveitamento.** Um procedimento usual nas pesquisas que tentam estabelecer o nível de precisão das auto-avaliações é comparar estes julgamentos com os resultados da realização dos sujeitos em testes de habilidades específicas. Neste estudo optou-se por adotar como critério de avaliação as notas que os alunos obtiveram nas disciplinas escolares. Essa escolha foi devida ao fato de tais avaliações serem uma constante na vida escolar e, portanto, um critério usual e acessível quer a professores quer a alunos.

Essa nota deveria retratar uma realização global, diminuindo assim os efeitos de uma melhor ou pior realização em determinada área. Utilizou-se pois a média de aproveitamento anual.

2) **Prestígio entre os colegas** (dados de sociogramas). A posição sociométrica do aluno é um índice de seu prestígio entre os colegas de classe. Esse é também um instrumento freqüentemente utilizado pelos professores. A equipe técnica da escola havia coletado dados sociométricos sobre os alunos, tanto para grupos de trabalho como para grupos de lazer, durante os quatro anos do ginásio. Os dados relativos ao sociograma afetivo, realizado durante a quarta série, foram utilizados neste estudo.

Com base nesses dados, calculou-se, para cada sujeito, um índice de "status de escolha" segundo a fórmula proposta por F. N. Kerlinger (1964).

3) **Avaliação do comportamento na área social.** Para a comparação das auto-avaliações com a avaliação feita por um observador, foram utilizados os registros de observação feitos pela orientadora, tendo como roteiro a escala RIO (desenvolvida pelo Research Institute of Ohio).

Essa escala abrange dez aspectos comportamentais: Humor, Afetividade, Atividade, Educabilidade, Reatividade Emocional, Sociabilidade, Liderança, Emulação, Adaptabilidade Social e Participação em Grupos. Cada um desses tópicos encontra-se graduado em

cinco itens, onde são apresentadas operacionalizações do mesmo aspecto comportamental, em diferentes graus (do mais positivo ao mais negativo). Cabe ao observador classificar os indivíduos numa das cinco graduações em cada um dos tópicos. No presente estudo, foram utilizados apenas os cinco últimos tipos de comportamento, por se relacionarem mais diretamente com a área de ajustamento social.

A amplitude das notas individuais, obtidas através da somatória dos pontos em cada um dos itens, variou de 5 a 25 pontos. Para facilidade de cálculo, inverteu-se a posição da pontuação na escala, de modo que os aspectos mais positivos tivessem maior peso.

Procedimentos

Para cada indivíduo foram calculadas duas notas, uma referente à adequação acadêmica e outra ao ajustamento social a partir da somatória simples dos pontos obtidos em cada item da escala de auto-avaliação. A amplitude das notas variou respectivamente entre 15 e 75 e 7 e 35 pontos.

Correlações foram feitas para o grupo todo e para meninos e meninas separadamente, entre os julgamentos dos indivíduos nas duas áreas usadas e os critérios externos de julgamento, assim:

1) Notas relativas à auto-imagem na área de adequação acadêmica (englobando os 15 itens que se relacionavam diretamente com a escola) foram correlacionadas com as médias de aproveitamento.

2) Notas da área de ajustamento social (englobando os itens que focalizavam principalmente o sentimento dos alunos sobre seu relacionamento com os companheiros da mesma idade) foram correlacionadas com os índices de prestígio obtidos através dos dados do sociograma.

3) Estas mesmas notas foram correlacionadas com a "nota" obtida pela avaliação do observador.

Calculou-se a seguir o nível de significância das diferenças entre correlações, adotando-se tolerância de 0,05.

Resultados e Discussão

Antes de expor os resultados, convém reafirmar que, nos estudos referentes a precisão de auto-avaliação, as correlações costumam ser relativamente baixas devido a esperar-se, normalmente, distorções do auto-julgamento real.

Correlacionando os dados relativos ao auto-conceito com os critérios de julgamento obtivemos para a área de adequação acadêmica um coeficiente de correlação igual a 0,45 (significante ao nível de 0,01) e, para a área de ajustamento social, $r = 0,21$ (significante a 0,05). Tais resultados revelam uma correspondência entre as avaliações, indicando que os adolescentes deste grupo apresentam um auto-conceito real, pois avaliam-se acuradamente tanto na área acadêmica como na social.

Essas mesmas correlações foram feitas para meninos e meninas separadamente, obtendo-se os seguintes resultados:

AREA DE ADEQUAÇÃO ACADÊMICA

COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO, POR SEXO, ENTRE OS DADOS DA AUTO-IMAGEM E AS MÉDIAS DE APROVEITAMENTO

Sexo	N	r
Masculino	60	0,29 *
Feminino	45	0,53 **

AREA DE ACEITAÇÃO SOCIAL

COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO, POR SEXO, ENTRE OS DADOS DA AUTO-IMAGEM E OS ÍNDICES DE ESCOLHA OBTIDOS NOS SOCIOGRAMAS

Sexo	N	r
Masculino	60	0,25 *
Feminino	45	0,21

* Significante a 0,05.

** Significante a 0,01.

Embora na área de adequação acadêmica a maior correlação corresponda ao grupo feminino, e na área de aceitação social os meninos apresentem uma maior correspondência entre os dois critérios de avaliação, as diferenças encontradas entre meninos e meninas não foram significantes em nenhuma das duas áreas.

Havíamos suposto que os julgamentos relativos à adequação acadêmica seriam mais precisos do que os relativos à aceitação social. Comparando os resultados do grupo todo nessas áreas, encontramos uma diferença significativa (nível de 0,05) que confirma a suposição inicial. As auto-avaliações têm lugar em situações onde é possível comparar a própria realização com a realização dos outros. Na área acadêmica, os alunos estão recebendo constantemente avaliações sobre seus desempenhos, tendo pois oportunidades efetivas de verificar sua posição em relação ao desempenho de seus colegas. Tais avaliações proporcionam um constante "feedback" para seus próprios julgamentos.

Deve-se notar, no entanto, que na área de aceitação social geralmente se encontra uma certa dificuldade em discutir a própria aceitação diretamente com os outros. As pessoas raramente recebem comunicação direta de sua aceitação social, nem estão, muitas vezes, capacitadas a dizer aos outros o que pensam sobre si mesmas. Essa barreira na discussão direta com os colegas força os adolescentes a confiar em suas próprias observações, a comparar o comportamento dos outros com o seu, e a usar estes dados para fazer as comparações subjetivas que, em última análise, servirão de base para auto-avaliação de sua adequação social.

Assim, na área acadêmica, onde o critério para o estabelecimento dos julgamentos é de percepção mais imediata, houve por parte dos adolescentes um julgamento mais real do que na área de aceitação social onde essa percepção é mais indireta.

Não foram encontradas diferenças significantes na comparação dos resultados obtidos entre meninos e meninas.

Um último aspecto de interesse na realização desse trabalho era estabelecer qual a relação existente entre as auto-avaliações dos adolescentes e as avaliações feitas por um observador. Nessa comparação obtivemos uma correlação de 0,12, indicando uma correspondência muito pequena entre os dois tipos de julgamentos. Este dado de certa forma confirma os resultados obtidos em estudos que procuraram medir o nível de precisão das estimativas sobre características de personalidade, feitas por observadores (Wolff, Wasden, 1969).

Tem sido assinalado inclusive que o treinamento nesse tipo de avaliação freqüentemente desenvolve nos observadores uma sensibilização seletiva, o que, de certa forma, ocasiona uma diminuição na precisão.

Neste estudo utilizamos as próprias auto-avaliações como critério para medir o nível de precisão dos julgamentos feitos pelo observador. Já havíamos determinado o nível de precisão das auto-avaliações comparando-as com os julgamentos feitos pelos colegas de classe. Os resultados obtidos nas duas comparações interessam especialmente a professores e orientadores: sugerem que, na área de ajustamento social, os adolescentes estão em condições de fazer um julgamento mais acurado de seus colegas do que um observador, provavelmente porque possuem os mesmos padrões de julgamento, padrões estes que nem sempre estão relacionados a comportamentos que os adultos são capazes de observar e avaliar.